

Multilinguismo na Guiné-Bissau: a interferência do crioulo na língua portuguesa falada e escrita por guineenses

Multilingualism in Guinea-Bissau: the interference of Creole in the Portuguese language spoken and written by Guineans

Ciro Lopes da SILVA¹
Gislene Lima CARVALHO²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a interferência do crioulo no português de falantes guineenses, especialmente os estudantes guineenses no Brasil. Nesta análise de interferência, observamos as peculiaridades linguísticas presentes no território guineense. Ao longo da abordagem, baseamo-nos em autores como Couto e Embaló (2010) que nos falam da estimativa dos falantes das línguas existentes na Guiné-Bissau. Ainda através deles podemos constatar que o próprio Amílcar Cabral já tinha defendido o português como a língua oficial e o crioulo como a língua nacional na Guiné-Bissau. Buscamos em Augel (2007) os primeiros registros dos portugueses no território guineense. E em Cá (2000) a despreocupação do regime colonial na organização da sociedade tradicional guineense. Para entendermos o fenômeno da transferência linguística como fator de aprendizagem, temos Sousa (2002). Para estabelecer diálogo com os teóricos citados, realizamos entrevistas orais e escritas em português com os estudantes guineenses recém-chegados à UNILAB, Redenção-Ceará. As entrevistas nos permitiram constatar a forte interferência do crioulo tanto na fala quanto na escrita dos nossos informantes. As principais interferências se referem à concordância nominal, conjugação verbal e uso de advérbios e expressões recorrentes no crioulo guineense e que são diferentes na língua portuguesa. Esta pesquisa, portanto, busca expor e explicar a interferência entre as duas línguas em questão no contexto guineense.

Palavras-chave: Interferência Linguística, Português Guineense, Crioulo.

Abstract: This work aims to analyze the interference of Creole in the Portuguese of Guinean speakers, especially Guinean students in Brazil. In this analysis of interference, we observe the linguistic peculiarities present in Guinean territory. Throughout the approach, we base ourselves on authors such as Couto and Embaló (2010) who tell us about an estimation of speakers of the existing languages in Guinea-Bissau. Still through these authors, it is possible to know that Amílcar Cabral himself had already defended Portuguese as the official language and Creole as the national language in Guinea-Bissau. We found out in Augel (2007) the first records of the Portuguese in Guinean territory. And in Cá (2000) the unconcern of the colonial regime in the organization of traditional Guinean society. We have also Sousa (2002) in order to understand the phenomenon of linguistic transference as a learning factor. With the purpose of establishing a dialogue with the aforementioned theorists, we conducted oral and written interviews in Portuguese with Guinean students who had recently arrived at UNILAB, at the city of Redenção, in Ceará state. Interviews allowed us to verify the strong interference of Creole in both speech and writing of our informants. Main interferences refer to nominal agreement, verbal conjugation and use of adverbs and recurrent expressions in Guinean Creole, which are different in Portuguese. This research, therefore, seeks to expose and explain the interference between both languages in a Guinean context.

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Redenção-Ceará. cirodasilva2014@hotmail.com.

² Professora Doutora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. Redenção-Ceará. gislenecarvalho@unilab.edu.br.

Key words: Linguistic Interference, Guinean Portuguese, Creole.

Introdução

A Guiné-Bissau é um país que fica localizado na costa ocidental da África, fazendo fronteira com dois países francófonos, nomeadamente, Senegal e Guiné. O país tornou-se livre do domínio colonial em 24 de Setembro de 1973, independência essa que só veio a ser reconhecida pelo ex-colonizador em 10 de setembro de 1974.

De acordo com Couto e Embaló (2010), no território guineense são faladas cerca de 20 línguas étnicas, em que a maioria é praticada em comunidades nas quais predomina o grupo étnico de cada uma, e não só. São exemplos de etnias presentes na Guiné-Bissau: manjaca, papel, mancanha, balanta, fula, mandinga, felupe, biafada, bijagó, entre outras. Também é notória a presença dessas línguas em outras localidades, fora das próprias aldeias, e ainda assim conseguem conviver uma ao lado da outra. Facto esse que torna a Guiné-Bissau um país multilíngue e intercultural.

Importa salientar que cada uma dessas etnias tem os seus próprios costumes locais, em que é possível também constatar as similaridades entre algumas, tanto no aspecto fonológico assim como nas cerimônias tradicionais. Estas línguas coabitam com o crioulo, língua nacional que une todos os falantes de outras línguas faladas na Guiné-Bissau. Nesse contexto de multilinguismo, é comum haver interferência entre as línguas que convivem no mesmo espaço. Neste sentido, este trabalho busca apresentar as interferências das línguas guineenses na língua portuguesa falada e escrita por estudantes guineenses, buscando explicar em que medida essa interferência ocorre.

Ao longo da abordagem, serão desenvolvidos os tópicos que irão compor o artigo e cujos conteúdos nos permitirão conhecer o panorama linguístico da Guiné-Bissau, a saber: a realidade linguística na Guiné-Bissau; o crioulo da Guiné-Bissau: identidade linguística; a língua portuguesa na Guiné-Bissau: questões políticas; interferência do crioulo guineense na língua portuguesa.

A realidade linguística na Guiné-Bissau

Segundo o último censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) da Guiné-Bissau (2009), estima-se que a população total do país é 1.520.830 habitantes. Conforme já mencionado por Couto e Embaló (2010), no território guineense convivem cerca de 20 línguas étnicas, mais a língua nacional, o crioulo, a língua oficial portuguesa, além de outras línguas europeias como o francês e o inglês. No quadro seguinte, estima-se a percentagem de falantes das principais línguas étnicas da Guiné-Bissau.

Quadro 1: Estimativa dos falantes das línguas étnicas

Etnias	Falantes	Percentagem
Fula	245 130	20,4%
Balanta	367 000	30,5%
Mandinga	154 200	12,9%
Manjaco	170 230	14,1%
Papel	125 550	10,4%
Felupe	22 000	1,8%
Beafada	41 420	3,4%
Bijagó	27 575	2,3%
Mancanha	40 855	3,4%
Nalu	8 50	0,6%

Fonte: COUTO E EMBALÓ, 2010, P. 29.

As línguas étnicas apresentadas na tabela anterior são consideradas as principais e mais faladas no território guineense. Com base nisso, podemos citar outro fator importante que é a localização geográfica desses grupos étnicos, onde se pode ver uma comunidade de uma etnia no meio de outra diferente. Com exceção de grupos ou comunidades étnicas que praticam a religião muçulmana que, em alguns casos, preferem atuar com certa distância em relação aos costumes locais de outras etnias, incluindo na própria língua, mesmo estando inseridos dentro dessas comunidades diferentes. Distância essa que, praticamente, não se verifica em outras etnias, onde a fusão cultural e linguística se faz presente.

Essa realidade social acaba, muitas vezes, causando a interferência de uma fala na outra entre essas línguas étnicas. Isso também faz com que as pessoas do mesmo grupo social, mesmo sendo de grupos étnicos diferentes, se entendam melhor do que as de localidades diferentes mesmo pertencendo à mesma etnia, devido à aproximação na fala dos falantes. O exemplo disso, temos etnias **manjaca**, **mancanha** e **papel**, nas quais existe uma aproximação fonológica muito forte.

No quadro a seguir, podemos encontrar algumas palavras parecidas entre as etnias manjaca, papel e mancanha.

Quadro 2: Etnias que apresentam semelhanças na Guiné-Bissau

Língua	Português	Manjaca	Mancanha	Papel
Vocábulo	Doença	Pmak	Pmak	pmaka
Vocábulo	Cabra	Upi	Upi	Opi
Vocábulo	Cachorro	Ubul	Ubursh	Obul

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em razão disso, é bom frisar que há um número considerável de nativos dessas línguas que consegue entender quase tudo que é dito em cada uma delas. Há também casos em que a pessoa da etnia manjaca, por exemplo, consegue entender melhor o raciocínio de um falante da

etnia mancanha ou papel em relação à pessoa da mesma etnia, mas de localidade distante. Isso porque, ante o exposto acima, quando as pessoas da mesma etnia convivem separadas em termos geográficos, a interferência de outras línguas próximas acaba influenciando na percepção e no modo de falar desses habitantes.

Importa frisar que os exemplos no quadro 2 se apresentam apenas como uma das variedades em relação a cada uma das línguas. Pois existe em cada uma delas várias pronúncias para o mesmo referente, dependendo da região onde é pronunciado. Por outro lado, nessas três línguas, a semelhança não é constatada apenas no aspecto fonológico, como também em nível sociocultural. No que diz respeito a outras línguas, não se vê essas semelhanças em nível fonológico, mesmo assim podemos encontrar semelhanças em nível socioculturais.

Além dessas línguas étnicas, temos ainda, no território guineense, o crioulo, língua que une todos os falantes de outras línguas na Guiné-Bissau, sendo considerada a língua nacional. O crioulo é a língua falada por maior parte dos guineenses, assunto sobre o qual discutiremos no tópico seguinte.

O crioulo da Guiné-Bissau: identidade linguística

Nesse tópico, vamos falar do crioulo falado na Guiné-Bissau. De acordo com Embaló (2008, p. 102), “o kriol é um crioulo de base portuguesa, com uma gramática e léxico próprio”. O crioulo é o principal meio de comunicação entre os guineenses, é a língua falada por aproximadamente 90,4% de falantes, segundo os dados de INE (2009, p. 36), de diferentes faixas etárias e etnias que fazem parte do território guineense.

Ainda segundo Embaló (2008, p.124), “o crioulo surgiu através do contato do português com as várias línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre os europeus e os africanos”, como também entre os povos locais, devido à diversidade linguística da região, e vem

ampliando seu espaço ao longo do tempo. De acordo com Augel (2006, p. 71), "a língua guineense conheceu grande expansão durante as lutas de libertação. A mensagem política dos revolucionários era transmitida em crioulo...".

Com isso, é importante lembrar que a língua exerce um papel muito importante para a comunidade na qual ela é proferida, como é o caso do crioulo que, através dele, muitos guineenses se sentem num só. É, pois, língua de unidade e identidade nacional. (THIESSE, 1999, p. 14 citado por Fiorin, 2013, p. 149) considera que "a identidade nacional é o conjunto de traços que unifica um povo e, ao mesmo tempo, o distingue de todos os outros". Por conseguinte, na Guiné-Bissau, é fácil perceber que o crioulo é responsável e maior fator da unidade nacional, é através dele que os guineenses manifestam o espírito de "guinendade".³

Nacionalmente, todos os guineenses se sentem contemplados ao usar o crioulo para a comunicação. Uma língua com grande prestígio nacional, diferente do português que sequer é reconhecida como língua nacional ao ser falada em algumas localidades, incluindo em Bissau.

Ainda segundo Fiorin (2013, p. 149), "a nação é vista como uma comunidade de destino, acima das classes, acima das regiões, acima das raças. Para isso, é preciso adquirir uma consciência de unidade...". Partindo desse pressuposto, podemos afirmar de que o crioulo não só é visto como a língua de grande prestígio nacional como também é a língua com a qual os guineenses mais se identificam e, a partir dela, de certa forma, é que se vê a união do povo guineense em quase todos os sentidos.

Tendo em conta a influência que o crioulo tem na sociedade guineense e a identificação que os falantes têm com essa língua, ele acaba interferindo no uso da língua portuguesa, tanto na fala como na escrita dos guineenses. Fenômeno esse que leva Rocha e Robles (2017, p. 653) a considerar que "a língua é dinâmica e, em consequência, os

³ Termo usado para se referir ao espírito patriótico coletivo na nação guineense.

fenómenos linguísticos como a interferência, atravessam continuamente as fronteiras entre um e o outro”. Desta forma, podemos dizer que é inevitável a interferência do crioulo no português, pois o português não é uma língua com fortes marcas na sociedade, o que só se verifica praticamente nas salas de aulas, onde os alunos participam falando o português, não como a língua do dia a dia, apenas a utilizam em casos específicos (sala de aula). Há casos em que até os próprios professores falam o português apenas em sala de aula, assim que pisam nos corredores das escolas, torna-se difícil encontrar um professor falando o português, mesmo entre eles, professores. Um dos fatores responsáveis pela interferência do crioulo no português até na fala dos indivíduos mais instruídos na sociedade.

Em razão disso, segundo Weinreich (1953, citado por Rocha e Robles 2017, p. 653), “a interferência linguística se refere aos casos de desvio da norma de qualquer das línguas de uma comunidade bilíngue devido ao contato linguístico”. A partir dessa definição, é salutar apontar que na Guiné-Bissau ainda não há uma definição de norma para a variante do português da Guiné-Bissau, o que faz com que os guineenses se “identifiquem” mais com a variante de Portugal.

Esse fato é motivado pela falta da implementação da variante própria e por questões também de status social, pois uma pessoa com sotaque próximo ao de Portugal é vista como alguém que fala melhor o português, sem levar em conta a realidade linguística do país, em que acontece frequentemente a interferência do crioulo no português de um falante guineense.

Entende-se por interferência linguística a presença de uma língua na utilização de outra. Schütz (2006, p. 1) acrescenta que tal interferência causa “desvios perceptíveis no âmbito da pronúncia, do vocabulário, da estruturação de frases bem como nos planos idiomático e cultural”. O que leva Sousa (2002, citado por Rocha e Robles, 2017, p. 652) a estabelecer “dois tipos de transferência linguística no âmbito de aprendizagem: a transferência linguística positiva e a transferência linguística negativa”.

No caso dos falantes guineenses, o lado positivo se vê no momento de abordagem em português, pois um falante guineense ao efetuar essas interferências, recorrendo às similaridades com o crioulo, consegue expor melhor o seu raciocínio. Enquanto o fator negativo reside no fato da possibilidade de as divergências entre as normas da língua passarem a ser fossilizadas pelo falante, reforçando a interlíngua⁴. Essa interferência pode levar ao preconceito linguístico por estar a usar os termos do crioulo no português. Esse preconceito é muito forte na Guiné-Bissau e/ou entre os guineenses, o que leva muitas vezes o falante guineense a optar pelo crioulo ao invés de português por sentir-se mais seguro naquela língua.

Isso significa que, ao usar a língua portuguesa, uma pessoa que consegue 'imitar' o sotaque do português falado em Portugal, sem essas interferências, é vista na sociedade como pessoa mais inteligente. É importante ilustrar que a diversidade linguística da Guiné-Bissau está bem presente e forte no dia a dia dos guineenses, pelo que não adianta ignorar essas peculiaridades existentes. Sobre isso, Santana (2012, p.53) ressalva que "o fato de uma mesma língua se fazer presente em diversos países, não implica, necessariamente, dizer que essa enquanto fator, culturalmente determinante, anule os hábitos culturais e históricos desses".

Pelo exposto, queremos realçar que o crioulo assume esse papel de identidade nacional perante todas as outras línguas locais, incluindo o próprio português. O que não quer dizer que o português deve ser mantido isolado, pelo contrário, deve ganhar outro caráter, ser visto como língua dos guineenses, em que as pessoas possam usá-lo com base nas características peculiares da sociedade guineense a par do crioulo, como podemos confirmar com Santana (2012, p.55), quando diz que "a língua enquanto fator social, dinâmica por natureza, pode desde permitir que falantes de uma mesma comunidade falem de modo tão semelhante que uns compreendam os outros". O que nos leva a dizer que não há nenhum

⁴ Estágio de transição entre a língua materna e a língua-alvo.

perigo aos falantes dos espaços lusófonos se falarem a língua portuguesa mediante as características linguísticas que cada grupo de falantes apresenta na sua localidade.

Conforme diz Mateus (2002, citado por Santana, 2012, p. 58), “não se pode avaliar a lusofonia simplesmente como um conjunto de espaços geográficos em que os usuários se comunicam. Trata-se de uma afirmação de identidade...”. É a partir da aceitação dessa identidade que os guineenses poderão sentir a presença do português em todas as esferas sociais, como é o caso dos outros países africanos de língua oficial portuguesa.

São construções como essas que permitem que o falante se expresse com toda liberdade. Quando é assim, surge no falante aquilo que nós chamamos de perda de timidez e passar a olhar-se na própria língua portuguesa como a identidade que também lhe diz respeito. Sobre a língua portuguesa na Guiné-Bissau, trataremos logo a seguir.

A língua portuguesa na Guiné-Bissau: questões políticas e econômicas

O português chegou à Guiné-Bissau graças às viagens feitas pelos navegadores portugueses, com o objetivo de conquistar novas terras. Essas navegações não visavam apenas à descoberta de novos lugares e de exploração das novas terras invadidas, também tinham a intenção de expandir o seu império. Segundo Augel (2007, p.52).

A hostilidade dos nativos tem sua razão de ser na reação africana aos permanentes ataques de frotas portuguesas à costa ocidental, quando sequestradores incursionavam pelas aldeias litorâneas, levados pela cobiça, apresando escravos (AUGEL, 2007, p.52).

Durante essas navegações, os invasores portugueses sofreram fortes ataques por parte dos nativos que foram surpreendidos com as caras estranhas nas suas terras. Conforme afirma Augel (2007, p. 51), “o

primeiro registro que se tem da presença de navegadores portugueses na Costa da Guiné é de 1446". É de destacar que o poder colonial permaneceu na Guiné-Bissau até no ano de 1973, altura em que foi proclamada a independência unilateral do país.

Conforme afirma Cá (2000, p.3), "o Estado colonial não se preocupava com a organização da sociedade tradicional". Por isso, no período após a independência, havia baixa percentagem de escolaridade dos guineenses.

Couto e Embaló (2010, p. 45), apontam, com relação ao uso do português, que "apenas cerca de 13% dos guineenses o falam, (essencialmente como língua segunda ou terceira) e o crioulo é a língua majoritária", conforme já explicitado no tópico anterior. Ainda que seja falada por uma pequena parte da população, o português na Guiné-Bissau é, até a data presente, a única língua escolhida pelo Estado como oficial, em detrimento do crioulo e das outras línguas locais.

De acordo com as ideias de Couto e Embaló (2010, p.47):

Por isso, durante as guerras de libertação (1963-1974) a língua que serviu de elo de ligação entre falantes das diversas línguas étnicas foi o crioulo. O fato é que, nesse período, as diversas línguas nativas africanas só dividiam o país e o português era a língua do inimigo, não obstante a posição de Amílcar Cabral, favorável ao seu uso (COUTO e EMBALÓ 2010, p.47).

Essa resistência para com o português não só levou os nativos a se distanciarem do opressor como também ajudou na fortificação das línguas locais, principalmente o crioulo. Razão pela qual muitos guineenses não se identificam com o português.

Fato que demonstra que há muito ainda por fazer para que os guineenses se sintam parte da comunidade de língua portuguesa. Isso passa por um fortalecimento da educação de base, a estruturação e a implementação do crioulo como a língua oficial a par do português. Acreditamos que oficializando o crioulo, colocando este também como língua de ensino, não só ajudaria o aluno a assimilar o conteúdo como também o ajudaria na interpretação dos conteúdos em português.

Se formos ver, na realidade guineense, existem casos em que o aluno só entenderia melhor a explicação sobre um determinado assunto que só diz respeito à comunidade a que pertence se fosse usado em crioulo o termo que só existe nessa língua. Ignorar isso é deixar o aluno sem condição de encontrar o caminho para perceber o conteúdo, como tem sido frequente nas salas de aulas, em que o professor aborda uma matéria só em português e os alunos saem de sala de aula sem saber exatamente do que se tratou na aula. Esse é outro exemplo que confirma que a portuguesa na Guiné-Bissau não é falada praticamente. O que Couto e Embaló (2010, p.47) nos afirmam que,

O português até hoje não é praticamente falado como língua vernácula na Guiné-Bissau. Ele só é adquirido como língua primeira, materna, por uma insignificante franja de filhos de guineenses que, tendo estudado em Portugal ou no Brasil, adotaram-no como língua de comunicação familiar, ou por filhos de casais mistos de guineenses com falantes de português de outras nacionalidades (COUTO e EMBALÓ, 2010, p.47).

É importante destacar, ainda, que as crianças que têm o português como a língua materna, enquanto permanecem somente na Guiné-Bissau, acabam por perder as características que essa língua lhes oferece e passam a adquirir o crioulo ou a língua étnica, dependendo do lugar onde vivem. Ainda, de acordo com Couto e Embaló (2010, p.48), o próprio Amílcar Cabral, ainda nos tempos da luta pela independência, havia determinado que o português fosse língua oficial, de trabalho, mas o crioulo seria a língua nacional. Essa ideia do revolucionário é o que estamos a vivenciar hoje no país, onde o português apenas é falado por um pequeno número de pessoas.

Devido ao fato de ser a língua oficial, o português é também a língua do ensino. Toda a escolarização se dá nessa língua, com pequenas concessões ao uso do crioulo nas fases iniciais da alfabetização (COUTO e EMBALÓ, 2010, P.48). Por essa razão, as instituições de ensino adotam-na como a língua de trabalho e, por ser uma língua já estruturada, diferente

do crioulo, passa a ser oficialmente a língua de instituições estatais e privadas.

A questão econômica teve influência muito forte na adoção do português como língua oficial, pois, para manter contato com parceiros econômicos, era necessário ter uma língua de fácil acesso, apesar da permanente interferência do crioulo na fala e na escrita da maioria dos guineenses quando usa o português. Essa interferência será exemplificada e analisada no tópico seguinte, através das entrevistas realizadas com estudantes guineenses recém-chegados à cidade de Redenção, Ceará, Brasil. Pretendemos identificar como esta interferência ocorre na fala dos entrevistados buscando suas razões na língua crioula.

Interferência do crioulo guineense na língua portuguesa

Conforme o exposto anteriormente sobre o *status* e o uso da língua portuguesa no território guineense pelos falantes daquele país, bem como a exposição do contexto multilíngue característico da Guiné-Bissau, é notório que pode haver interferência de outras línguas – étnicas e nacional – quando os guineenses utilizam a língua oficial, o português.

Para demonstrar tais interferências, entrevistamos estudantes guineenses recém-chegados à cidade de Redenção, Ceará, Brasil, e ingressantes na UNILAB no semestre 2017.2, no ano de 2018.⁵ Foram realizadas entrevistas orais e escritas sobre as perspectivas desses estudantes ao chegar ao país e sobre o que esperam levar quando retornarem à Guiné-Bissau.

Foram entrevistadas dez pessoas, através de gravação oral e registro escrito. Durante as entrevistas, verificamos maior interferência na fala que na escrita. Também descobrimos que nenhum dos entrevistados declarou ter o português como a sua língua materna. Dos dez entrevistados, seis nos confirmaram que tinham o crioulo como a primeira

⁵ O semestre 2017.2 teve início no ano de 2018 na UNILAB devido a atrasos no calendário acadêmico.

língua, enquanto quatro têm como língua materna uma das línguas étnicas da Guiné-Bissau. Também importa frisar que desses quatro que declararam ter língua étnica como língua materna, dois já desaprenderam a falar suas línguas étnicas a favor do crioulo. Entre vários fatores, podemos dizer que, não obstante a língua portuguesa seja também língua dos guineenses, circula como língua adicional para os nossos entrevistados, sendo segunda língua para alguns e terceira para outros. Razão pela qual “a língua materna constitui a principal fonte de erros para a produção e compreensão de enunciados expressos na língua alvo” (VILELA, 2009, p. 26). Conforme se pode ver no quadro a seguir:

Quadro 3: informações sobre os informantes.

	Idade	Sexo	Língua materna	Tempo no Brasil
Entrev. 1	25 anos	masculino	Crioulo	3 meses
Entrev. 2	24 anos	masculino	Balanta	3 meses
Entrev. 3	19 anos	feminino	crioulo	3 meses
Entrev. 4	20 anos	feminino	crioulo	3 meses
Entrev. 5	24 anos	masculino	manjaco	3 meses
Entrev. 6	25 anos	masculino	crioulo	3 meses
Entrev. 7	24 anos	masculino	crioulo	3 meses
Entrev. 8	18 anos	feminino	crioulo	3 meses
Entrev. 9	25 anos	masculino	bijagós	3 meses
Entrev.10	25 anos	masculino	mancanha	3 meses

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode ver, o período temporal da permanência dos entrevistados no Brasil pode ser considerado um dos fatores da forte interferência, pois, comparando com os veteranos, há uma grande diferença, por exemplo, no que tange à autoconfiança na hora de falar, a eliminação de algumas marcas que causam interferência e a aquisição dos termos brasileiros. O fator idade também conta, pois na Guiné-Bissau quanto menor idade a pessoa tiver, maior será a falta de contato com a

língua portuguesa, porque não é frequente o uso dessa língua nas séries iniciais.

Por outro lado, dos dez entrevistados, constatamos a interferência do crioulo na fala de oito pessoas, não foi verificada a interferência nem na fala nem na escrita de uma informante. Em outra, só encontramos a interferência na escrita.

A análise centrou-se nas respostas às seguintes perguntas:

- 1- *Qual sua primeira impressão sobre o Brasil?*
- 2- *Qual sua expectativa para o período que ficará no Brasil?*
- 3- *Qual sua expectativa para a atuação em sua área de formação ao voltar para Guiné-Bissau?*

A partir das respostas a essas perguntas, analisamos as interferências do crioulo no português dos entrevistados. Houve, nos dados, o predomínio da falta de concordância nominal, como se observa nos exemplos de 1 a 8 listados no quadro a seguir.

Quadro 4: A falta de Concordância Nominal

Entrevista 1	Escrita
	(...) eu esperava que ia para o Brasil das novelas, ah aquele Brasil que eu costumava assistir nas tv (...).
Entrevista 2	Oral
	(...) espero adquirir conhecimentos suficiente ... (+) porque a situação que encontra o nosso país está muito crítico ... (+) ao chegar o meu país quero formar pessoas fazer-lhes ser consciente da realidade do país (...).
Entrevista 4	Oral
	(...) o meu objetivo que é estudar, formar e trabalhar assim para poder dar um contribuição para o meu país.
Entrevista 5	Oral
	A minha expectativa é de que é de ver a universidade muito bom (...).

Entrevista 6	Oral
	(...) agora são as coisas totalmente diferente agora eu tenho um visão ampla... (+) porque a sociedade guineense não está assim tão organizado (...) .
Entrevista 7	Oral
	(...) o meu maior preocupação é focar primeiramente nos estudos (...) (+) eu pretendo voltar para Guiné para dar o meu contribuição (...).
Entrevista 9	Oral
	(...) chegamos aqui vimos outra realidade, vimos o Brasil um pouco distante que aquilo que nós távamos a esperar né é assim tem muita, muita sol... (+) aqui estamos aprender ahh muitas coisas ligado a ciência (...) (+) em termo de educação a Guiné-Bissau está muito atrasado (...) (+) aprendemos de um forma superficial (...)
Entrevista 10	Oral
	(...) eu quero ser professor, eu quero estudar, eu quero ensinar na Guiné isso é a minha expectativa contribuir no área de ensino (...).

Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme podemos observar acima, essa não concordância na fala dos entrevistados não ocorre por acaso, já que o crioulo não possui o artigo e, em vários casos, os pronomes não se flexionam tanto em gênero como em número. Também há substantivos que não concordam em gênero e em número com o objeto em referência. Verifica-se a concordância em alguns casos, mas não tem como base uma única regra estabelecida como em português. Ou seja, há substantivos que concordam entre singular e plural dependendo do referente, enquanto que noutros, a mesma forma vale tanto para singular como para plural. A

mesma ocorrência verifica-se também em outras classes gramaticais em crioulo. Conforme veremos nos exemplos a seguir:

Quadro 5: As Peculiaridades do Crioulo face ao Português

Crioulo		Português
Singular	Nha ermon	Meu irmão
Plural	Nha ermons	Meus irmãos
Singular	Bai cumpra 1 pom	Vai comprar 1 pão
Plural	Bai cumpra 5 pom	Vai comprar 5 pães

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode ver nos dois primeiros exemplos, em crioulo há concordância nominal apenas em substantivos, de singular para plural, o que não se verifica entre pronome e substantivos, enquanto nos dois últimos exemplos, não se verifica a concordância entre o objeto e o substantivo. Como já mencionado, em nenhum momento o verbo em si sofre qualquer mudança. Exemplos como esses ilustram as razões que levam o falante a fazer transferência dessas formas do crioulo para o português.

De acordo com Sousa (2002, citado por Rocha e Robles 2017, p.652) “assevera que a teoria behaviorista entende o fenômeno da transferência linguística como fator de aprendizagem e que é afetado pela semelhança entre o conhecimento prévio e o subsequente”. Conforme já mencionado anteriormente, as semelhanças entre as línguas podem ser positivas no aprendizado, é o que se chama de transferência positiva. Tais interferências são comuns e explicáveis e não deve ser desconsiderado, além disso, o fato de o português ser segunda ou terceira língua destes falantes.

Voltando às ocorrências nas entrevistas feitas, podemos observar que, além da verificação da falta de concordância nominal na escrita dos entrevistados, constatamos, em alguns trechos, a falta de concordância

verbal e o emprego inadequado de alguns verbos. Conforme os exemplos de 9 e 11 elencados a seguir.

Quadro 6: A falta de Concordância Verbal e o Emprego Inadequado de Alguns Verbos

Entrevista 1	<p style="text-align: center;">Oral</p> <p>(...) nos avisaram que nos íamos para a zona mais pobre do Brasil, a gente não acredita. (+) também uma coisa que me chamei atenção é que eu pensei que o Brasil era um país dos brancos, mas vi que quase maioria da população são negros principalmente no estado do Ceará.</p>
Entrevista 2	<p style="text-align: center;">Oral</p> <p>(...) a minha expectativa para o período em que eu ficará, espero obter conhecimentos suficiente pelo motivo que eu estou cá (...) (+) a minha expectativa quando regresso o meu país (...) (+) fazer com que as pessoas têm visão do que não é bom(...).</p>
Entrevista 4	<p style="text-align: center;">Oral</p> <p>(...) espero que tudo correrá bem que os meus objetivo será concretizado(...) (+) quando cheguei aqui vi as coisas muito diferentes não era o Brasil que eu espera(...)</p>
Entrevista 9	<p style="text-align: center;">Escrita</p> <p>(...) pois aquilo que eu esperava não foi o que eu encontrei, isso porque nós costumamos ver o Brasil de novela, mas a realidade é diferente.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nos trechos transcritos acima, percebe-se a dificuldade do falante no momento de colocar o verbo. Isso se deve a não flexão do verbo em crioulo, ou seja, no crioulo, só há uma forma de usar o verbo para singular e plural. Também é importante explicar que apesar de existirem os tempos verbais em crioulo, mesmo assim, isso não é marcado através do próprio verbo, mas nos pronomes pessoais. Como podemos constatar no quadro a seguir:

Quadro 7: A conjugação verbal em Crioulo e em Português

Frases em Crioulo	Frases em Português
N'gosta di isplिकासon	Eu gosto da explicação
Bu gosta di isplिकासon	Tu gostas da explicação
I gosta di isplिकासon	Ele gosta da explicação
Nô gosta di isplिकासon	Nós gostamos da explicação
Bô gosta di isplिकासon	Vocês gostam da explicação
Eh gosta di isplिकासon	Eles gostam da explicação

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito à concordância verbal em crioulo, isso é determinado por pronomes pessoais, o verbo sempre se mantém. Posto isso, podemos concluir que os falantes que sofrem com essa interferência são influenciados por essa regra gramatical do crioulo.

Além disso, também verificamos dois casos de interferência em pronome e advérbio de lugar. Em que na fala de um informante ouvimos uma parte que diz assim: “quando você está no seu país chega num país **do outra gente...**”. Importa salientar que essa interferência é rara no português guineense, mas é salutar destacar que isso se deve a um termo frequentemente usado em crioulo: *Djintis*. Nesse caso significa “dos outros”. Na fala do entrevistado, esse trecho onde aparece “do outra gente” está a se referir “dos outros”, a partir da influência do pronome em crioulo, *djintis*.

Quanto ao advérbio, detectamos um emprego inadequado no escrito de uma entrevistada, que diz assim: “um dos momentos que me deixava triste era quando eu perguntava: mãe como vocês estão **lá**? E ela me respondia que tudo ia bem lá, e ela também me perguntava a mesma coisa, aí as lágrimas caíam”.

Como se pode ver no advérbio negrito “lá”, aparece numa conversa direta entre duas pessoas. Ao invés de colocar o “aí”, ela colocou “lá” para se referir a mesma pessoa com quem se fala. Essa interferência ocorre porque em crioulo só há dois advérbios de lugar: Li e La. Advérbio Li, em crioulo, assemelha-se aos advérbios cá e aqui, em português,

enquanto que o advérbio *La*, em crioulo, é comparado com *lá*, *aí*, *acolá*, em português. Por esse motivo, o falante do português guineense tende a confundir estes dois advérbios, *lá* e *aí*.

Conforme acima exposto, foram analisadas as interferências do crioulo em português, como a falta de concordância nominal, devido a não ocorrência de flexão dos pronomes e substantivos em gênero e número em crioulo, salvo em poucos casos. Ainda analisamos a falta de concordância verbal e o emprego inadequado de alguns verbos, que acontecem por causa de não flexão do verbo em crioulo. Também encontramos a interferência do pronome *djintis*, em crioulo, na fala de um informante, dizendo, "do outra gente", estando a se referir "dos outros". Por último, nos deparamos com o emprego inadequado do advérbio "lá" no lugar do "aí".

As interferências encontradas e relatadas neste trabalho são explicáveis considerando-se a língua nacional da Guiné-Bissau, o crioulo, e que também é a língua materna de quase todos os informantes desta pesquisa. Os dados confirmam a interferência que a língua materna exerce no aprendizado de segundas línguas. Influência essa que não pode ser desconsiderada por professores e estudantes que se encontram nesta situação. Outro fator a se destacar é o pouco tempo de permanência dos nossos entrevistados no Brasil (cf. quadro 3). O português, até então, não fazia parte do dia-a-dia desses informantes. É nesse sentido que Kellerman (1978, citado por VILELA, 2009, p. 32) considera a transferência como uma estratégia da qual o aprendiz dispõe para compensar a falta de conhecimentos relativos à L2.

Segundo Odlin (1989, citado por VILELA, 2009, p. 36), a transferência negativa ocorre quando há divergência entre as normas da L1 e da L2. Por outro lado, na transferência positiva, para Corder (1983, 1993, citado por VILELA, 2009, p. 38), a língua materna pode exercer um papel facilitador na aquisição da segunda língua, sobretudo quando há semelhanças entre a L1 e a L2. A nosso ver, a produção acadêmica dos

informantes recém-chegados será alvo da transferência negativa, uma vez que os gêneros acadêmicos requerem certa formalidade da norma padrão.

No que se refere à transferência positiva, permite-os ingressar com mais facilidade e rapidez na nova comunidade linguística na qual irão poder desenvolver as suas ideias e a expor-se tanto na aula como no seu dia-a-dia, ou seja, uma vez que o aprendiz leva em consideração que essa interferência da L1 tenha como função facilitar na aprendizagem da língua alvo (que ainda não é do seu domínio) só tem a ganhar no momento da aquisição da nova língua.

Considerações finais

O presente trabalho apresentou um enfoque sobre a interferência linguística do crioulo no português de estudantes guineenses recém-chegados à UNILAB, Redenção-CE, Brasil. O objetivo da entrevista realizada com estes estudantes foi tentar encontrar as interferências do crioulo a partir das manifestações orais e escritas de 10 estudantes da Guiné-Bissau.

Diante dos resultados da entrevista, observou-se que as interferências, tanto na fala como na escrita, são frequentes em quase todos os informantes, no entanto verificou-se ser mais comum na fala que na escrita. O que demonstra que, em termos de código linguístico, o português ocupa um espaço menor em relação às outras línguas existentes na Guiné-Bissau. No que se refere ao contato com as línguas presentes no território guineense, verifica-se que as outras línguas da Guiné-Bissau, principalmente o crioulo, têm o maior domínio no dia a dia dos informantes que o português.

Como é possível constatar, ao analisar as respostas dos questionários, foi verificado que a proximidade dos entrevistados com o crioulo parece ser um fenômeno facilitador da aprendizagem (apesar do crioulo estar ainda fora da sala de aula) porque quase 100% dos

estudantes entrevistados, em algum momento, manifestaram a marca da língua do domínio, crioulo, ao utilizar a língua portuguesa, entretanto, justamente este fator de aproximação com o crioulo é que provoca a interferência.

À vista disso, com essa análise, chegou-se à conclusão sobre o nível de interferência linguística que se verifica nos falantes guineenses, tendo em conta as peculiaridades da Guiné-Bissau, em termos do processo linguístico e através do resultado da pesquisa. Ou seja, na base dos dados obtidos na entrevista, podemos concluir que é possível encontrar as razões que estão por trás dessa interferência, se consideramos que a língua portuguesa não é língua materna destes falantes, mas sim o crioulo ou as línguas locais guineenses.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. O crioulo guineense e a oratura. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 69-91, 2º sem. 2006. Disponível em: http://www2.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI2_0070621145422.pdf. Acesso em: 19 fev. 2018.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo**: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CÁ, Lourenço Ocuni. **Educação durante a colonização portuguesa na Guiné Bissau** (1471-1973). R. online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas-SP, v.2, n. 4, p.1-19. 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/561/576> Acesso em: 04 mar. 2018.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país da CPLP. N. 20, **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**. Thesaurus Editora. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Shopping/Desktop/1702-3782-1-PB.pdf>. Acesso: 14/01/2018.

EMBALÓ, Filomena. **O crioulo da Guiné-Bissau**: língua nacional e factor de identidade nacional. PAPIA, nº18, p.101-107, 2008. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/2027/1848>. 26 fev. 2018.

FIORIN, José Luiz. **Língua, identidades e fronteiras**. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/diversitas/article/view/58381/61382>. Acesso: 20 mar.. 2018.

Guiné-Bissau. **Instituto Nacional de Estatística e Censo**. 3º Recenseamento geral da população e habitação. Bissau: INEC, 2009.

ROCHA, Nildicéia Aparecida; ROBLES, Ana María del Pilar Altamirano. Interferências linguísticas na interlíngua em alunos hispanofalantes de português como língua estrangeira. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v.25, n.2, p. 641-680, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/10426/pdf>. Acesso: 27 mar.. 2018.

SANTANA Joelton Duarte de. **Língua, cultura e identidade: a língua portuguesa como espaço simbólico de identificação no documentário: Língua - vidas em português**. Linha d'Água, n. 25 (1), p. 47-66, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37367/40088>. Acesso: 09 abr.. 2018.

SCHÜTZ, Ricardo. **Interferência, Interlíngua e Fossilização**. 2006. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-interfoss.html>. Acesso em 19/04/2018.

VILELA, Ana Carolina Silva. **Transferência Linguística e Transferência de Treinamento na Interlíngua do Falante de Português-L1/inglês-L2**. 2009.